

Cid Seixas

JORGE AMADO

Da guerra dos santos
à demolição do eurocentrismo



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

PROPOSIÇÃO

Assim como os poetas épicos e dramáticos da antiguidade clássica estabelecem um discurso recorrente aos mitos e à tradição da sua cultura, o texto amadiano se instaura como diálogo intertextual com o viver da Bahia, os mitos e tradições dos descendentes de súditos e príncipes africanos trazidos como escravos.

Seguindo esta perspectiva crítica, Jorge Amado deve ser visto como um clássico da cultura do seu povo e do seu tempo, cujos temas constroem o perfil do herói coletivo: o homem comum, mestiço e místico.

JORGE AMADO:
Da guerra dos santos
à demolição do eurocentrismo



CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Denise Coutinho (UFBA)

Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

Gilca Machado Seidinger (UFSB)

Vitor Hugo Martins (UNEB)

<https://issuu.com/cidseixas/docs/amado>

<https://issuu.com/e-book.br/docs/amado>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

JORGE AMADO

Da guerra dos santos
à demolição do eurocentrismo

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Copyright 2017
Tipologia Amer Type Md BT, 13
Formato 12 x 20 cm.
Número de páginas: 50

Coleção Teal

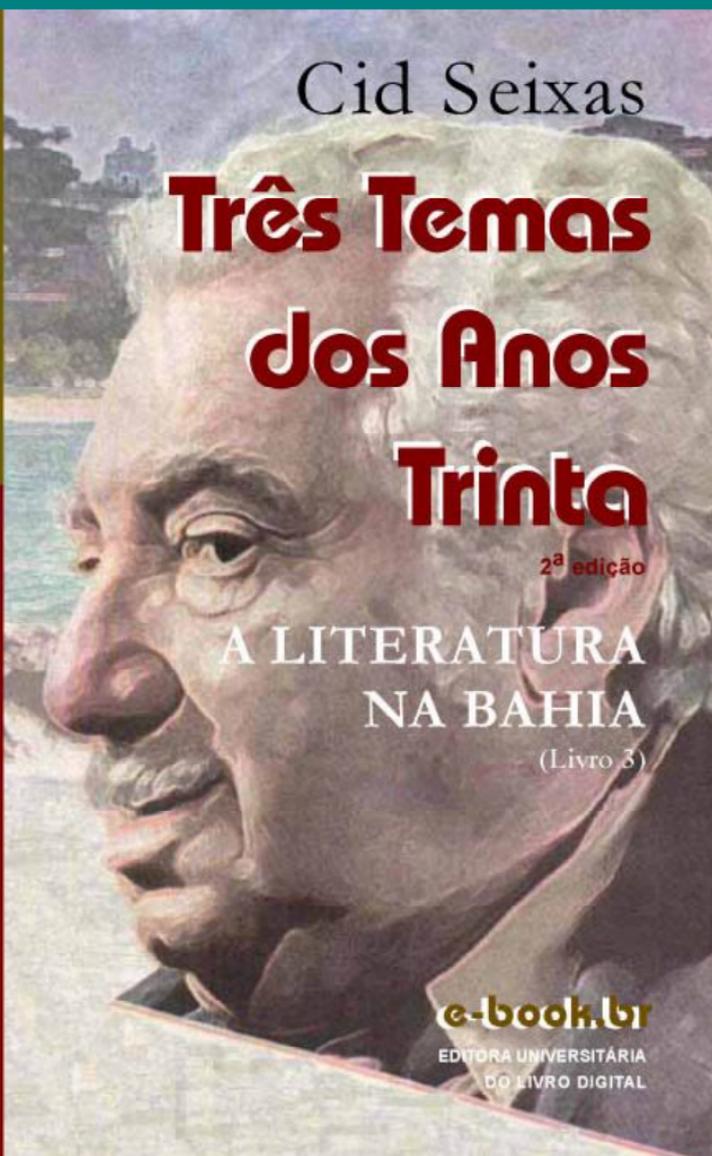
Títulos publicados:

- 1 | Feira não perdoa quem não aceita convenção
- 2 | O bocado não é para quem faz
- 3 | Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo

EM HOMENAGEM
AOS 80 ANOS DO ROMANCISTA

coleção literatura na bahia / 3

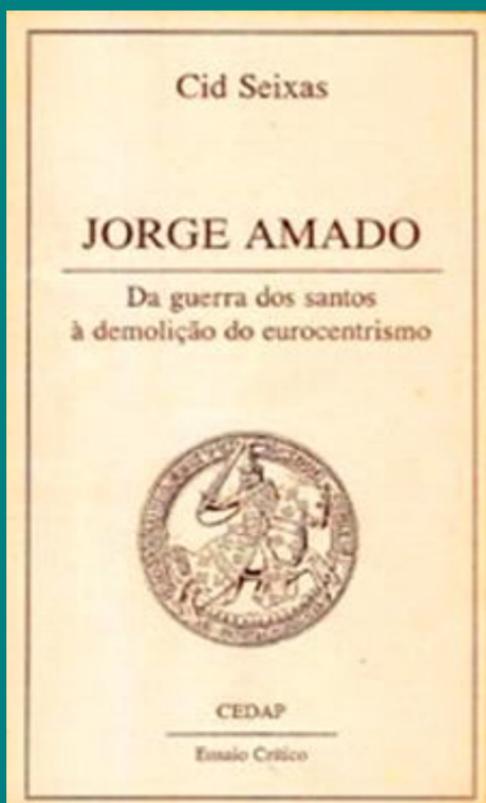
<http://issuu.com/e-bcok.br/does/anos30>



Capa de e-book sobre a literatura na Bahia e a obra de Jorge Amado.

SUMÁRIO

Bahia de Todos os Santos	11
Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo	13
Referências	35
Livros do Autor	37
Coleção Teal	47



O texto da plaquete acima
foi apresentado ao
**I SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DE ESTUDOS SOBRE JORGE AMADO,**
promovido pela Fundação
Casa de Jorge Amado
e pela Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 10 a 13 de agosto de 1992.

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Fonte dos onze mistérios
do filho de Oxóssi, Amado,
eis a Cidade da Bahia
onde Virtude e Pecado,
amantes inseparáveis,
habitam o mesmo sobrado.

Uma paisagem de sonho
nesta Cidade se vê:
até mesmo o intangível
se torna fácil de crer.
Mistério ou cristal do tempo
tecendo seu conhecer.

Cidade da morenagem
do Encoberto e Revelado:
o mundo do desencanto
se completa no encantado,
porque o falso é o verdadeiro
quando visto do outro lado.

Nas histórias sucedidas,
Engenho e Realidade
partilham o mesmo dizer:
não se sabe o que é verdade,
se vestida de Magia,
e o que é lenda na cidade.

O Encoberto e o Revelado
tecendo seu conhecer
onde Virtude e Pecado
partilham o mesmo dizer:
uma paisagem de sonho
nesta cidade se vê.

JORGE AMADO

DA GUERRADOS SANTOS À DEMOLIÇÃO DO EUROCENTRISMO

Um outro grande escritor brasileiro, embora marinheiro de águas diversas, João Guimarães Rosa, nos dá a chave de um dos segredos da escrita de encantado, ou do ebó do filho de Oxóssi, Amado. Ao responder a uma pergunta do ensaísta alemão Günter Lorenz a propósito da ideologia da ficção latino-americana, ou mais especificamente de *Asturias*, numa margem do rio, e de Jorge Amado, na terceira, Guimarães Rosa discute o problema do compromisso do escritor com a sociedade em que vive.

Não nos esqueçamos que o autor de *Grande Sertão: Veredas* rejeitava a imposição de um discurso partidário ao narrador de ficção, reservando para o artista um compromisso maior e menos imediato, um compromisso com a vida. Daí o fato da referência feita por Rosa ser, mais apropriadamente, aplicável à obra da maturidade de Jorge Amado e não aos seus romances da primeira fase.

Em janeiro de 1965, no Congresso de Escritores Latino-Americanos, realizado em Gênova, a questão política e o engajamento do escritor eram palavras de ordem. Vejamos como, nestas circunstâncias, Guimarães Rosa via a obra de Jorge Amado. Para isto daremos a palavra, por um instante, a Günter Lorenz e a Guimarães Rosa, flagrando os dois num momento de diálogo durante o encontro na Itália.

Pergunta Günter Lorenz:

– “E Amado, o senhor não acha que este fabulista magnífi-

co e amigo dos homens também pensa ideologicamente?”

Rosa responde:

– “Com certeza, ele também é um ideólogo, mas sua ideologia me é mais simpática do que a de Asturias. Asturias tem algo daquele distanciamento incorruptível de um Sumo Pontífice. Ele pronuncia sempre novos dez mandamentos. Isto é admirável, mas não encanta. As palavras de Asturias são palavras de um pai, um patriarca, que pronuncia sentenças no gênero do Velho Testamento. Amado é um sonhador, ele é com certeza também um ideólogo, mas é a ideologia da fábula, com suas regras de justiça e expiação. Amado é uma criança” – prossegue Guimarães Rosa, “uma criança – que continua acreditando na vitória do bem. Ele defende a ideologia

menos ideológica e mais amável que eu conheço. Asturias é a grande voz do Juízo Final. Amado dá pinceladas à toa até mais não poder. Ele quer na verdade mandar para o diabo várias coisas, mas isto ele faz com tanto charme que a gente lhe acredita com maior razão.” (Rosa, 1971, p. 285)

Creio que Guimarães Rosa sintetiza de modo inequívoco o que chamei de um dos segredos da escrita de encantado, ou do ebó do filho Amado de Oxóssi. Jorge não usa a sua pena como uma lança de matar dragões, mas como uma vara de condão, querendo transformar a serpente do mal em serpentinas do carnaval. Sim, a festa, a felicidade, a alegria dos homens e das mulheres são o sonho obsessivo do velho contador de histórias da nossa gente.

A literatura para Jorge Amado não é um catecismo onde se diz como de-

vemos rezar, ela é um jogo, que nos convida ao riso. Ele alegre e diverte os seus leitores. Mas não se enganem: este menino sonhador de oitenta anos não tem nada de ingênuo. Enquanto um olho dorme o outro pisca malicioso e certo. Por isso, quando sugere, por entre breves clarões do raio, *a gente lhe acredita com maior razão*. Jorge Amado é um fingidor. Finge tão amadamente que ensinou a Gabriela e também a Dona Flor.

O texto de Jorge é maroto, matreiro. As armas do cavaleiro, o santo do dragão, e os poderes de Oxóssi, guerreiro imbatível, não são depostos na escrita do nosso Jorge, o não santo. Nele, os poderes do Orixá e do Santo se escondem, numa tocaia grande, para o golpe certo.

Na tradição luso-brasileira, desde Gil Vicente, com suas pantomimas e presepadadas, o texto de um escritor hábil distrai e destrói a hipocrisia, a usura e a injustiça. *Ridendo castigat*

mores é a divisa aplicada à obra vicentina. *Rindo, corrige os costumes*, a ambição da obra amadiana.

Mas esse objetivo o escritor baiano não confessa. Suas armas são certas, mas silenciosas. Vejamos o que dizem as palavras finais do pórtico do livro *O sumiço da santa*:

“Projeto de romance anunciado há cerca de vinte anos, sob o título de *A Guerra dos Santos*, somente agora, no verão e no outono de 1987, na primavera e no verão de 1988, em Paris, coloquei o enredo no papel. Escrevendo-o, diverti-me; se, com sua leitura, alguém mais se divertir, me darei por satisfeito.” (Amado, 1988, p. 11)

Muita gente ingênua, intelectual, que só sabe ler palavra grave, sisuda, acredita que as palavras deste livro são apenas “deliciosos divertimentos para adultos”, expressão feliz do poe-



ta Carlos Pena Filho (1969, p. 151). Não esqueçamos, porém, que o velho Jorge é um narrador dissimulado e sinuoso, como se fosse Oxum a dona da sua escrita. Ou, como foi dito há pouco, o autor de *D. Flor* quer mandar pro diabo muita coisa que não vale a pena. Com uma diferença, ele não o faz com a revolta e a inconsequência juvenil dos protestos. O discreto charme da burguesia reside em dizer as coisas mais desagradáveis de forma mais agradável possível.

Ao trocar o nome original do livro *A guerra dos santos*, de aspecto épi-

co e grandiloquente por um prosaico *O sumiço da santa: Uma história de feitiçaria*, Jorge Amado encena diante do leitor o papel do jogral alegre que se diverte ao fazer os outros se divertirem. Ou melhor: que se diverte ao despistar o divertido leitor.

Evidentemente, não podemos dizer se a intenção consciente do autor era divertir ou despistar. Mas este texto nos diz que seu autor não é somente um escritor divertido. É um feiticeiro fingido que esconde os poderes do seu ebó. *O sumiço da santa* é, na verdade, uma guerra de demiurgos, de deuses poderosos, um confronto de culturas e raças em busca de caminhos.

O realismo mágico da escrita amadiana converte-se em alegoria épica de um povo.

De um lado os valores sacrossantos da civilização europeia cristã, representados pelo padre espanhol José Antonio Hernandez, exemplo de bom cristão aos olhos inquisidores do San-

to Ofício, valores estes reafirmados pela arquidiocese, na figura de D. Rudolph, Bispo Auxiliar; pelos poderes do Estado, através do coronel Raul Antônio ou do doutor D'Ávila, juiz de menores e falangista da Cruzada Antico-munista.

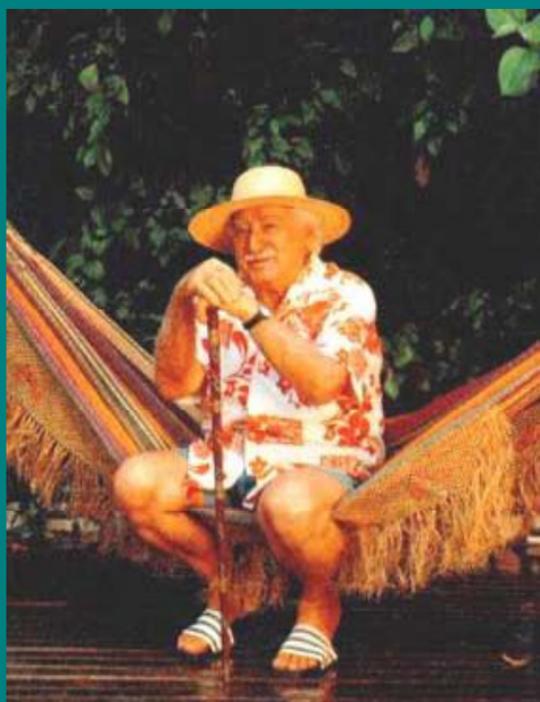
Do outro lado, a “gentinha”, a “ralé”, os cavalos de encantados trazidos da África nos porões dos navios negreiros, a gente mestiça da Bahia, seus orixás, suas crenças, sua ética adversa à moral dominante.

O narrador dos romances de Jorge Amado simula a perspectiva do dominador, dos bem-nascidos homens da terra. A escolha vocabular marcada pelo preconceito das expressões usuais para designar os párias da pátria ganha relevo em confronto com a gesta plebeia, o canto das façanhas de heróis anônimos. Ironia e exaltação épica perpassam o texto numa fusão insólita: aquilo que ele designa, entre irônico e sério, de “romance baiano”.

(No frontispício do livro, logo abaixo do título *O sumiço da santa: Uma história de feitiçaria*, se lê: “romance baiano”. Na contracapa, aparece o apelo festivo a gosto sulista: “só na Bahia podia acontecer”.)

A nação negra e mestiça, que constitui mais de oitenta por cento da população de Salvador, é o herói plural da narrativa amadiana.

Assim como os poetas épicos e dramáticos da antiguidade clássica esta-



belecem um discurso recorrente aos mitos e à tradição da sua cultura, a cultura helênica, o texto amadiano se instaura como diálogo intertextual com a cultura popular da Bahia, os mitos e tradições dos descendentes de príncipes e súditos africanos trazidos como escravos.

As formas poéticas iorubanas, comuns na poesia oral deste povo e rediviva nas manifestações religiosas do candomblé, em forma de saudação e apresentação, perpassam o discurso do narrador amadiano. São os *orikis*, ou saudações à cabeça do iniciado, ou ainda, para usar um termo da nossa cultura chapa branca, um pequeno *curriculum* de quem se apresenta, pronunciando seu *oriki*.

Seguindo esta perspectiva crítica, Jorge Amado deve ser visto como um clássico da cultura do seu povo e do seu tempo, cujos temas constroem o perfil do herói coletivo: o homem comum.

Um clássico de um tempo agreste, mas um clássico, de uma civilização dita moderna, que segrega a maioria da população em relações econômicas e sociais tipicamente medievais. Não é por outra razão que, há muito tempo, Monteiro Lobato percebeu:

“Na planura da literatura brasileira, Jorge Amado vai ficar como um bloco súbito de montanha hispida, cheia de alcantis, de cavernas, de precipícios, de massas brutas da natureza.”
(Lobato, in: Amado, 1977.)

Outros clássicos de todos os tempos, como Plauto, Shakespeare, Molière, Gil Vicente ou Machado de Assis, também fizeram dos homens e dos costumes, das misérias e das pequenezas, das grandezas imperceptíveis e das coisas simples, a matéria ficcional mais densa e mais duradoura.

A simplicidade discursiva da obra amadiana, a sua intenção de ser lido

por toda gente, como um contador de histórias, ao invés de afastá-lo da melhor literatura, como pode supor o pedantismo intelectual, ou o *teórico engomado*, como bem a propósito dizia Ezra Pound, insere Jorge Amado no rol de criadores universalmente lembrados. Mas a presença física do autor, o seu grande prestígio pessoal, não permite ao nosso tempo um distanciamento necessário para o julgamento seguro e desapassionado que só o próximo século propiciará. Quem viver verá.

De forma incompleta e redutora ao âmbito de uma conversa breve, podemos dizer que a teia central do romance *O sumiço da santa*, ou o pretexto da alegoria, gira em torno de Adalgisa, *abicun* rebelde que teima em impedir a passagem do seu santo. O preceito ensina que quando uma mulher grávida se submete aos rituais de iniciação, o filho ainda em gestação também se liga ao axé do orixá. Foi o que aconteceu com Adalgisa, pe-

queno óvulo fecundado sem que a mãe o soubesse.

Para relembrar o trecho do livro em que se conta a iniciação da Andreza, a mãe de Adalgisa, nos mistérios de encantado, peçamos ao próprio Jorge Amado para falar. É ele quem conta:

“Nem por amigada com espanhol branco e rico, Andreza desdenhou de sua gente negra e pobre, seguiu frequentando candomblés, cumprindo obrigações de santo e normas de amizade. Quando o conheceu, acabara de acertar com mãe Aninha, do Axé do Opô Afonjá, que se recolheria à camarinha no próximo barco de iaôs para raspar a cabeça e receber Yansã, seu orixá de frente. Assim o fez, deixando-o [ao amante] a ver navios, contando nos dedos os dias da iniciação. Apenas não sabia que levava no ventre o produto dos amores com

o gringo que a seduzira e lhe montara casa: estava prenha de Adalgisa. Ao descobrir, já era tarde: iaô de éfun completo, cabeça raspada, corpo pintado, banhos de maionga, o encantado dentro dela junto com o abicun. Não lhe pertenceria o filho que palpitava em seu ventre, pertencia à santa. No dia do ôrunkó, da festa do nome, Andreza saltara duas vezes, dera dois nomes, um era o seu, o outro, o do abicun.”

E prossegue o narrador:

“Sendo Adalgisa ainda menina nova, acabara de ultrapassar a primeira etapa, a dos sete anos, Andreza lhe contara o acontecido com abundância de detalhes, informando-a acerca da condição especial dos abicuns. [...] Adalgisa recusou-se a ouvir, sua crença era outra, outros seus santos, seus preceitos e obriga-

ções, seus fundamentos. Não adiantou lhe revelar o preço que pagara substituindo o abicun nos dois limites, aos sete e aos quatorze anos: no derradeiro, aos vinte e um, o preço era a morte. Adalgisa, espanhola, tinha outros compromissos, a coroa de espinhos, a cruz de Cristo, desprezava crendices e feitiçarias.

Não chegou a saber que Andreza às vésperas do aniversário fatal, para que a sentença ao se cumprir não fulminasse o abicun, propusera a Oyá a troca de cabeças: no dia da festa da maioridade da filha mais velha, amanhecera morta. Adalgisa não sabia o que fosse troca de cabeças e a palavra abicun nada lhe dizia.” (Amado, 1988, p. 233.)

A partir da recusa de Adalgisa em aceitar o culto dos orixás, uma série de outros binômios, ou de outras

dicotomias, põe em confronto, de um lado, os valores civiliza-cionais da Europa cristã e, do outro lado, os valores mestiços que se impõem ao povo baiano. Todo o livro de Jorge Amado é uma exaltação à cultura popular, suas crenças, seus mistérios, e é também uma divertida sátira à gente



bem-nascida do lugar. Neste sentido, *O sumiço da santa* se estrutura como uma síntese criativa do próprio universo ficcional amadiano, onde a dicotomia de valores que desemboca na demolição do eurocentrismo é o tema recorrente. Característica das suas últimas obras, a síntese do universo ficcional construído, *O sumiço da santa* segue o mesmo rastrear operado por *Tocaia grande*, embora a oposição rural *versus* urbano trace a linha divisória entre estes dois romances e duas grandes vertentes da obra amadiana.

Ao contar os feitos da gente do povo, especialmente do negro, Amado é generoso e pródigo em exaltação. O dominado, quer pelas antigas leis da escravidão, quer pelas modernas leis do liberalismo econômico, é herói incondicional, numa inversão violenta da perspectiva da tradição literária. Sabemos que a literatura, durante sua longa história, até o realismo, marcado pelo determinismo

reducionista, tratou as camadas submetidas às condições humilhantes de vida como personagens moralmente tão miseráveis quanto sua própria condição material. Somente um novo realismo, inaugurado no Brasil com o romance de 30, foi capaz de redesenhar a caricatura do homem do povo de modo a despertar maior solidariedade.

Como na velha Cidade da Bahia o trabalhador, o proletariado, se confunde com o negro e o mestiço, este, com suas crenças, seus valores, sua cultura portanto, é o herói permanente da gesta amadiana. Embora mudando o tom do seu discurso, abandonando as sentenças partidárias dos primeiros romances, Jorge Amado não abandonou a sua crença na redenção do homem sofrido.

Toda alegoria do texto do contador de histórias do povo tem uma só e redundante finalidade: afirmar os valores dos vencidos e sua olvidada condição de vencedores. Mas o ódio, o res-

sentimento, é um fantasma que não tem lugar na obra da maturidade amadiana. A conciliação, a fusão e o entendimento são a pedra de toque da construção da sua república, do seu universo ficcional. Estes elementos desembocam num outro: o sincretismo. No realismo fantástico de Jorge Amado a imagem de Santa Bárbara se confunde com Yansã, negra sensual que abandona o andor e sai caminhando pelos becos e ladeiras da Bahia.

Enquanto a santa católica é apenas uma imagem inerte, objeto de veneração, o orixá é uma criatura viva que participa das virtudes e das fraquezas da sua gente. Assim, Santa Bárbara se torna forte, quando encarna Oyá, a Yansã das tempestades das mulheres poderosas e dos homens valentes.

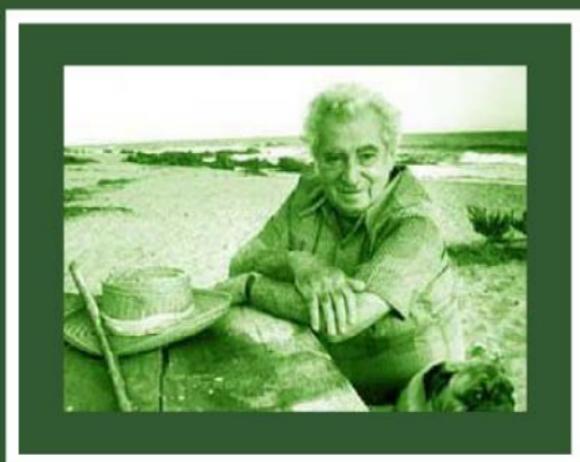
Se o seu discurso de hoje encanta e seduz o despreocupado e bem nascido burguês, a que quase todos aspiram ser; se ele quer divertir e alegrar; seus livros são também um palimp-

sesto, onde por vezes brotam as palavras sob as palavras. Raspada a tinta da escrita fácil e divertida, pelo leitor atento na busca do que se esconde por sob as cores luminosas, surge o cerne da sua alegoria, como a moral da fábula.

É esta escrita escondida e, às vezes, quase apagada que me encanta na obra amadiana. Uma obra que possibilita a cada um de nós o encontro das raízes da sua própria formação, seu próprio caráter, o caráter do homem do lugar, do baiano, místico e manhoso como as histórias de encantado do velho e amado romancista.

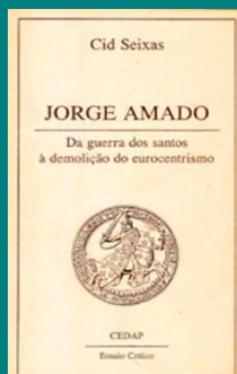
Cid Seixas
JORGE AMADO

Da guerra dos santos
à demolição do eurocentrismo



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

- AMADO, Jorge: *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. Rio de Janeiro, Record, 1988.
- MONTEIRO LOBATO. Crítica. In: AMADO, Jorge: *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro, Record, 1977.
- MONTEIRO LOBATO. Paranoia ou mistificação [Crítica originalmente publicada em dezembro de 1917]. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 12^a ed. 1967, p. 59-65.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura brasileira*. 3^a ed. São Paulo, Ática, 1977.

PENA FILHO, Carlos: *Livro geral*; poesia. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

ROSA, João Guimarães. Literatura deve ser vida. Um diálogo de Günter W. Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão*. Frankfurt am Main, Ausstellungs und Messe-GmbH des Börsenvereins des Deutschen Buchhandels, 1971.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragments do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo;* ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

A poética pessoana: uma prática sem teoria; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.

Godofredo Filho, irmão poesia; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)

Poetas, meninos e malucos; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)

Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.

Literatura e intertextualidade; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.

Herberto Sales. Ensaios sobre o escritor.
Salvador, Oficina do Livro, 1995.

O viajante de papel. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.

Triste Bahia, oh! quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.

O lugar da linguagem na teoria freudiana; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.

O trovadorismo galaico-português; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.

Três temas dos anos trinta; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. Org., introd. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.

Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em [https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra cega](https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra_cega)

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>

A Literatura na Bahia. Livro 1: Tradição e Modernidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomodernidade>

1928: Modernismo e Maturidade. Livro 2 de *A Literatura na Bahia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>

Três Temas dos Anos 30. Livro 3 de *A Literatura na Bahia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>

A essência ideológica da linguagem. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>

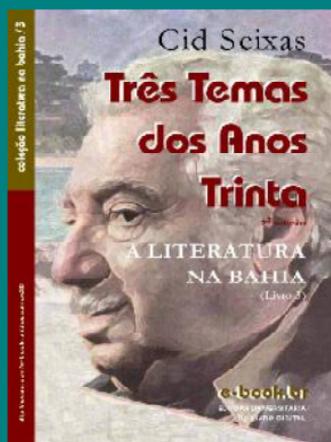
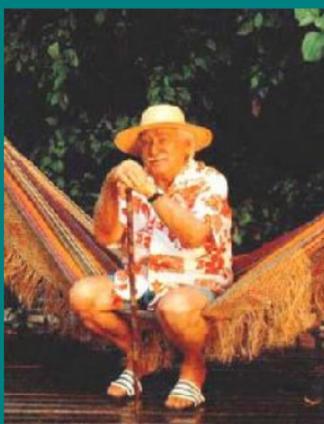
Linguagem e conhecimento. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>

Sob o signo do estruturalismo. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem.* Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo.* Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>
- Castro Alves e o reino de eros.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão.* Livro I de *O real em Pessoa.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura.* Livro II de *O real em Pessoa.* Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento.* Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade.* Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos.* Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco.* Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria.* Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa.* Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br,

2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>
Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura. Livro IX de *Conehecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>
Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/amado>



COLEÇÃO TEAL

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

Os e-books são diagramados no formato de 12 centímetros de largura, por 20 de altura, na fonte *Amer Type Md BT*, corpo 13, cor branca, tornando a leitura visualmente cômoda, em equipamentos eletrônicos. Novas ex-

periências podem vir a reajustar o projeto inicial da coleção para aperfeiçoar os resultados obtidos.

O primeiro volume foi constituído pelo livro de Franklin Machado *Feira não perdoa quem não aceita convenção*, resultante de um diálogo com o romancista Guido Guerra.

O segundo volume, *O bocado não é para quem faz*, resultou da seleção de um dos contos de Euclides Neto que integra a novela *Os genros*.

O volume de número três republica a plaquete de Cid Seixas intitulada *Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*, proposta ao I Simpósio Internacional de Estudos sobre Jorge Amado.

A Coleção **Teal**, da E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza obras digitais com formato diferenciado – e tomando como base uma cor pouco usada, principalmente para servir de fundo em páginas de livros.

Escolheu-se um formato de e-book concebido, pelo tamanho e pelos tipos de letras, para ser lido confortavelmente em smartphones e outros aparelhos digitais.

Os livros podem ser lidos na plataforma **ISSUU**, de Copenhague, Dinamarca, e também nos sites **e-book.uefs.br** e **linguagens.ufba.br**, em PDF, adequado para ser salvo com facilidade no celular ou nos demais equipamentos do leitor.

JORGE AMADO

Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo

A partir da atração exercida sobre artistas e arquitetos pela cor *teal* – cujo nome, em língua inglesa, apareceu pela primeira vez em 1917 – foi criada esta coleção, com o fundo chapado na referida cor, para otimizar a leitura em tablets e smartphones.

<https://issuu.com/cidseixas/docs/amado>
<https://issuu.com/e-book.br/docs/amado>
<http://www.e-book.uefs.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL